

PORTUGUESE B – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS B – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS B – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Monday 16 May 2005 (morning)
Lundi 16 mai 2005 (matin)
Lunes 16 de mayo de 2005 (mañana)

1 h 30 m

TEXT BOOKLET – INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for Paper 1.
- Answer the questions in the Question and Answer Booklet provided.

LIVRET DE TEXTES – INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas ce livret avant d'y être autorisé(e).
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l'épreuve 1.
- Répondez à toutes les questions dans le livret de questions et réponses fourni.

CUADERNO DE TEXTOS – INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos para la Prueba 1.
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

TEXTO A

Uma memória olfativa de São Paulo

As regiões, bairros e quarteirões de São Paulo sempre tiveram seus cheiros peculiares.

- ❶ Durante 18 anos fui acordada às 6 da manhã pela voz da minha mãe, pelo cheiro de pão fresco e pelo aroma do suco de laranja.
- ❷ Aí, quando tomava o bonde na direção da Praça do Correio, começava todo um itinerário aromático. Primeiro era o cheiro da padaria 12 de Outubro, na Lapa, que invadia o bonde inteiro. Entre as ruas Trindade e Guaicurus, passávamos por um córrego que exalava diferente conforme era a chuva ou a seca.
- ❸ O próximo aroma vinha da Torrefação de Café Tiradentes. A este paraíso olfativo, que não durava muito, seguiam-se as ondas de odor fétido e pegajoso das matérias-primas usadas pela produção de sabão e óleo das Indústrias Reunidas FM.
- ❹ O mau cheiro ia desaparecendo perto do Parque da Água Branca, cujos estábulos e jardins davam a impressão de nos mergulhar numa fazenda. Do outro lado da avenida estava a madeireira Eucatex, que completava a sensação de fazenda. Íamos chegando a Perdizes, bairro residencial, onde cada casa tinha suas flores, seu cheiro de roseiras, de calda de açúcar, da carne assando, do bolo no forno, da baunilha e da canela... Quando eu descia a pé do Mackenzie até o Largo Santa Cecília, passava pela Santa Casa, que exalava álcool e éter.
- ❺ Descer qualquer transversal da rua Cubatão era aproximar-se de uma / - X - / de perfume de eucalipto. Depois o eucaliptal, pelas mãos de Niemeyer e Burle Marx, veio a se tornar o Parque Ibirapuera. [- 4 -] cheirava. Dos trens a vapor vinha um odor de [- 5 -] queimada. As carroças e os animais espalhavam o cheiro do [- 6 -] do animal e do carroceiro. [- 7 -] que axilas maltratadas também exalam, até que foi lançado o Lifebuoy¹, que prometia eliminar o cecê².
- ❻ E o fato é que os odores naturais foram sendo substituídos pelas substâncias industrializadas para a higiene pessoal. Padarias, pizzarias e docerias continuam até hoje marcando território, mas os carros e os ônibus criam barreiras contra os cheiros da cidade. Vamos nos isolando cada vez mais dos aromas naturais do mundo, da natureza, e também dos que criamos com o nosso trabalho. Sabonetes, colônias, desodorantes e cremes tornam-se os únicos cheiros e aromas que nosso nariz e bedelho encontram. A globalização olfativa já tem pelo menos uns 50 anos.

- ❼ Perdemos muitos cheiros. Dos nossos cinco sentidos, o olfato é o que me parece estar passando por maiores transformações, apesar de não ser muito citado. Não vou dizer que ocorre uma atrofia do olfato. Mas ousou perguntar se a industrialização dos cheiros não estaria provocando certas disfunções respiratórias.

Anna Veronica Mautner – O Cotidiano nas Entrelinhas
– Crônicas e Memórias. Editora Ágora. (Jan 2004)

¹ Lifebuoy – marca de sabonete da época.

² Cecê – mau cheiro (familiar)

TEXTO B

DESINFORMAÇÃO

- ❶ Vivemos na idade da informação. Nunca foi tão fácil a tantas pessoas estarem tão bem informadas acerca de tantos assuntos. Ótimo. O pior é aceitarmos acriticamente que a informação é sempre boa, útil e formativa.
- ❷ A verdade é que nunca houve tantas bestas bem informadas. É muito mais fácil uma pessoa informar-se sobre um assunto do que pensar acerca dele. A partir de certa altura, um excesso de informação pode prejudicar a compreensão de dado acontecimento. Hoje, muitas pessoas informam-se em vez de tentar compreender.
- ❸ É a mulher que sabe tudo acerca dos filmes em cartaz, mas não viu nenhum. É o homem que segue cada passo dos acontecimentos na Roménia sem parar para tentar compreender o que se passa. É o jurista que conhece toda a legislação mas é incapaz de ter uma discussão sobre conceitos de justiça.
- ❹ A informação pode ser brutal ao ponto de prejudicar a comunicação. As notícias, em vez de serem pontos de partida, tornam-se fins. As pessoas, em vez de discutirem eventos e significados, partilham conhecimentos. Em vez de produzirem argumentos, reproduzem factos. Através da mera partilha de informação cria-se assim uma comunidade artificial.
- ❺ Não há expressão mais mentirosa do que “comunicação social”. Que comunicação existe? Apenas se comunica **a** – não se comunica **com**. Isto é, não se comunica. Informa-se. O mal está no facto de não haver reciprocidade.
- ❻ Claro que os chamados meios de comunicação social não ouvem o público a que se dirigem. O velho lugar-comum do “diálogo com o leitor” é uma treta em que ninguém acredita. O mal é que a indiferença com que se distingue quantidade e qualidade de informação torna cada vez mais difícil ao cidadão médio ter opiniões pessoais acerca do que o rodeia.
- ❼ Há qualquer coisa de arrogante e insuportável no acto de “informar”, tal qual ele se concebe modernamente, cheio de gráficos, sondagens, esquemas e painéis equilibrados. Há uma pretensão de definição e cobertura que, além de ridícula, parece violenta, por não admitir discussão. A discussão surge “já feita”. O leitor limita-se a escolher uma das posições.

Revista K – texto do livro *Nos Caminhos do Texto-Lilaz*
Carriço e Justiniano F. dos Santos. Porto Editora, Portugal

TEXTO C

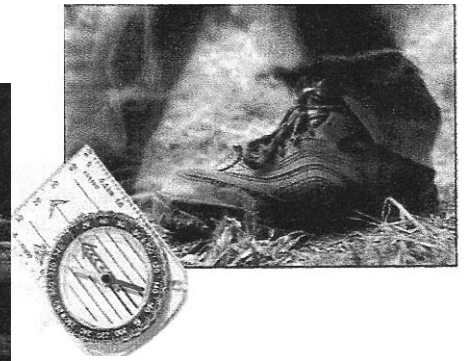
A ÚLTIMA CRÔNICA

- ❶ A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do accidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.
- ❷ Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acentuar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.
- ❸ Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma fatia triangular.
- ❹ A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa a um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

-
- 5 São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a coca-cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “parabéns pra você, parabéns pra você...”. Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. De súbito, dá comigo a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.
- 6 Assim eu queria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Fernando Sabino- In: *Companheira de Viagem*. 2.^a ed. Rio de Janeiro, Ed. Sabiá, 1972. p.179-82.

TEXTO D



O RALI DA CAMINHADA

O enduro a pé, competição que não exige preparo físico, recebe cada vez mais adeptos.

Um grupo composto por médicos com mais de 40 anos caminha contra a correnteza dentro de um rio lamacento, com água até a cintura. Um deles conta o número de passos, outro se esforça para não molhar o bloquinho com indicações do trajeto e um terceiro controla o tempo no cronômetro. O que fazem esses típicos cidadãos urbanos em uma situação tão desconfortável? Parece estranho, mas eles estão se divertindo e relaxando de uma semana estressante no trabalho e nos estudos. A caminhada no rio é um dos trechos emocionantes de uma modalidade que vem ganhando adeptos. (...)

O enduro a pé, como é chamado o esporte, possui as mesmas regras de um rali de motocicletas ou automóveis, em que o que conta é a regularidade. Ou seja, o objetivo é fazer o percurso no tempo exato estipulado pelos organizadores da competição. No dia da prova, cada equipe, que pode ter entre três e seis integrantes, recebe uma planilha com as indicações do caminho, as distâncias a ser percorridas e a velocidade média. O percurso inclui trechos de rio, matas, campos e estradas de terra. Ao longo da trilha estão distribuídos postos de controle que registram o tempo das equipes em cada trecho da prova.

As tarefas e os equipamentos são divididos: o navegador usa a planilha e a bússola para encontrar o caminho certo, o calculista controla o tempo e a velocidade e o contador de passos mede a distância. Apesar de ser uma atividade desafiante, justamente porque exige o entrosamento do grupo, é um esporte que pode ser praticado por gente de qualquer idade e com pouco preparo físico. Há até circuitos especiais, de 2 quilômetros, para crianças. Os percursos para adultos têm até 12 quilômetros em terreno acidentado e duração de três a quatro horas.

Além da inscrição, em torno de 30 reais, o enduro a pé exige poucos equipamentos básicos (preços médios):



- Bota de trekking - 200 reais
- Pedômetro - de 40 a 130 reais
- Bússola - 70 reais
- Cronômetro - 100 reais
- Garrafa para água - 30 reais.



Diogo Schelp - Veja - 25 de fevereiro de 2004.